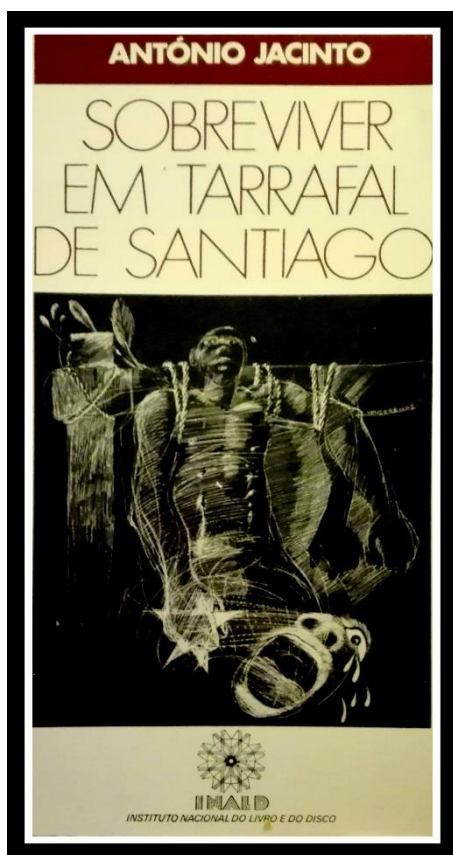


## ***Sobreviver em Tarrafal de Santiago - o que não foi a morte da poesia***

Ana T. Rocha

Com uma nota de António Cardoso ao autor e um prefácio de Irene Guerra Marques, o livro *Sobreviver em Tarrafal de Santiago* (INALD, 1985) é suporte da produção poética de António Jacinto, escrita durante os anos de prisão, correspondentes ao período entre 1964 e 1972.



Esta semana, o Contracapa quer relembrar o poema “Ah! Se pudésseis aqui ver poesia que não há!”, presente no referido livro, e escrito no Campo de Trabalho de Chão Bom, a 13 de fevereiro de 1968. Sendo um dos mais fortes e belos poemas de António Jacinto, é a repetição da palavra “Mãe”, no final dos versos, que lhe atribui a carga dramática que se sente, em paradoxo com um sujeito que serenamente descreve o espaço onde se encontra: “Um rectângulo oco na parede caiada Mãe// Três barras de ferro horizontais Mãe/ Na vertical oito varões Mãe/ Ao todo/ vinte e quatro quadrados Mãe/ No aro exterior/ Dois caixilhos Mãe/ somam/ doze rectângulos de vidro Mãe”. Esta descrição do espaço evidencia o carácter frio e desprovido da cela, ao mesmo tempo que a minúcia da enumeração

revela o penar e o tempo vividos pelo sujeito no seu interior. Ao longo do poema, o que o sujeito sente vai ganhando espaço, na descrição, em relação ao que ele vê. Paralelamente, a serenidade vai cedendo lugar ao grito e ao desabafo: “Lá fora é noite Mãe (...) o mundo que não se vê Mãe/ Dum lado e doutro, a Morte, Mãe/ A morte como a sombra que passa pela vidraça Mãe/ A morte sem boca sem rosto sem gritos Mãe/ E lá fora é o lá fora que se não vê Mãe// Cale-se o que não se vê Mãe/ e veja-se o que se sente Mãe/ que o poema está no que/ e como se vê, Mãe”.

A figura materna é várias vezes mencionada nos poemas de António Jacinto escritos no Tarrafal, onde o poeta se encontrava aquando da morte da sua mãe, que

ocorreu antes da escrita deste poema. As saudades estão presentes ao longo do livro, onde, também, naquilo que se vê e sente, o sujeito deseja ver e sentir a Mãe: “Num cavalo de nuvens brancas/ o luar incendeia carícias/ e vem, por sobre meu rosto magro/ deixar teus beijos Mãe, teus beijos Mãe”.

As divisões entre o exterior e o interior, entre os sentidos e os sentimentos, compõem o livro e fundamentam a sua organização em três partes: “Tarrafal em redor”, “Tarrafal interior” e “Tarrafal lírico”. O poema que analisámos está incluído na primeira parte, “Tarrafal em redor”, mas o testemunho que nos traz é individual e é o de um *Tarrafal interior*, o Tarrafal *no* sujeito, onde ficou guardada a poesia que, *em redor* não existia: “Mãe/ aqui não há poesia/ É triste, Mãe/ Já não haver poesia/ Mãe, não há poesia, não há/ Mãe”.